

Introdução

Ao analisar os dados sobre religião no Censo de 2010, Clara Mafra, que estaria presente neste livro, se não nos tivesse deixado tão prematuramente, propunha utilizar a metáfora do holograma para pensar a fragmentação do campo religioso (Mafra, 2014, p. 36–41). A mesma metáfora talvez possa servir de ótica sob a qual direcionar nosso olhar para o material que reunimos neste livro. São treze textos que narram as trajetórias de antropólogas e antropólogos que, em seus percursos acadêmicos, elegeram a religião como tema privilegiado de pesquisa. A inspiração para o livro teve como ponto de partida o tópico Trajetórias em Antropologia da Religião, que oferecemos, em 2023, no formato online, como disciplina, nos programas de pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS e da UNICAMP. Em cada encontro, tivemos um convidado com destaque na área para narrar sua trajetória. Ao pensar o livro, no entanto, estendemos o convite para demais colegas que não haviam participado da disciplina, mas que sabíamos que teriam uma contribuição importante a oferecer. Da lista inicial, mais extensa, contamos com aqueles que aceitaram o convite e escreveram suas trajetórias para compor esta coletânea.

Ao evocar o holograma, queremos chamar a atenção para o fato de que este conjunto de textos não representa um mapa da Antropologia da Religião no Brasil. Ou seja, diferentemente do mapa, que se propõe a traçar uma topografia plana, o holograma nos dá a informação do todo e a posição relativa de cada parte, permitindo reconstruir uma imagem com informação tridimensional. Assim, cada trajetória, na singularidade de seu percurso, joga luz sobre os movimentos e as tendências que, em um tempo determinado, configuram o campo de estudos da religião, permitindo que este seja visto na íntegra, ainda que a partir do ângulo restrito de cada

um. Cada trajetória, portanto, funciona como uma fresta que se abre em uma parede, atrás da qual existe uma paisagem a ser observada. Ainda que estreita, a fresta nos permite ver toda a paisagem, por diferentes ângulos, dependendo da posição que tomamos.

O livro também não nos oferece uma fotografia da Antropologia da Religião. Mesmo porque, ao contrário da fotografia, que permite registrar apenas as diferentes intensidades de luz, provenientes da cena fotografada, o holograma registra a fase da radiação luminosa, proveniente dos objetos que lhe deram origem. Assim, ao olhar de diferentes ângulos, o observador verá os objetos de diferentes perspectivas. Cada trajetória, por sua vez, ao narrar o movimento de subjetivação das autoras e dos autores — suas escolhas e seus sonhos, os imponderáveis e as previsibilidades do caminho, os encontros e os desencontros com pessoas e coisas —, permite acessar uma dimensão que não se revela na platitude do texto. Por outro lado, as diferentes trajetórias presentes no livro permitem transcender a singularidade dos sujeitos e perceber as linhas de força e os fluxos de experiências que se entrelaçam para configurar, em um movimento contínuo, um campo permeado de formas e instituições, redes e grupos, relações e rupturas, pesquisas e produções, etnografias e ensaios.

A metáfora do holograma como recurso linguístico utilizado aqui sugere que é preciso abrir mão da busca por limites claros ou relações objetivamente dadas entre a religião e os seus entornos. Mesmo porque, na perspectiva dos que escreveram os textos, a religião, enquanto tema de pesquisa, se apresenta como um campo aberto de possibilidades a ser explorado, e não um terreno demarcado por fronteiras proibidas de serem transpostas. Em alguma medida, poderíamos dizer que, para os que comparam neste livro, a religião se constitui, enquanto objeto de pesquisa, atravessada por linhas de força e fluxos da vida que pulsam na experiência dos sujeitos, dos grupos, dos coletivos e das instituições religiosas e acadêmicas. Esses atravessamentos, por sua vez, acabam se entrelaçando com as vidas dos pesquisadores, tornando a objetividade um horizonte sempre

distante, ainda que desejado. Assim, a urdidura da objetividade é continuamente atravessada pela trama do movimento da vida pessoal e coletiva.

O leitor poderá observar, ao ler os capítulos deste livro, que estamos muito distantes de qualquer aproximação com o gênero biográfico. Ao invés da unidade, coerência e univocidade de sentidos, cerne do estilo biográfico, as narrativas apontam para a constituição e a formação dos sujeitos singulares na ação, tornando ilusória a ideia de uma identidade pessoal que paira sobre os contextos. Ou seja, torna-se impossível buscar, nas trajetórias reunidas neste livro, um sujeito que antecede a ação ou que tenha total domínio e controle sobre as experiências vividas. Antes, o que nos revela as trajetórias é a existência de uma rede complexa de relações, feitas de acasos, hesitações e escolhas que marcaram os modos pelos quais cada um construiu a si próprio, tanto quanto foi construído por ela. De modo que, a despeito do esforço que as autoras e os autores empreenderam em traçar uma linha do destino que guia suas trajetórias individuais, o problema central das relações entre o indivíduo e a coletividade, entre a iniciativa pessoal e a necessidade social, permanece como um enigma. Como nos lembra Paul Ricoeur, “esta imbricação assinala a centralidade da configuração narrativa, porquanto uma vida não adquire sua verdadeira e definitiva realidade senão por meio de e através do seu relato que, em suma, é o que faz surgir o inteligível do acidental, o universal do singular, o necessário ou o verossímil do episódico” (Ricoeur, 2010, p. 74).

Como cientistas sociais, participamos do debate, inaugurado por Pierre Bourdieu, sobre a desqualificação radical da pertinência cognitiva do gênero sob o estigma da “ilusão biográfica” (Bourdieu, 1986). Um debate que teve como efeito perpetuar tanto uma noção esvaziada e empobrecida da narrativa quanto da dimensão temporal constitutiva da identidade de um indivíduo. Assim, ao propor este livro, não ignoramos as críticas e controvérsias acadêmicas que circundam essa questão. Ao contrário, as trajetórias aqui narradas estão balizadas pelos alertas em relação aos riscos que este gênero carrega. E, mesmo cientes desses alertas, ousamos trilhar por

caminhos minados, acreditando que valeria a pena levar a cabo a publicação deste livro.

Perfil das autoras e dos autores

O leitor, ao avançar na leitura do livro, deverá perguntar-se: por que estes protagonistas? O que representam no campo da Antropologia da Religião no Brasil? Por que tantos outros não constam no livro? Que critérios foram acionados na seleção das trajetórias aqui reunidas? As respostas a essas questões e a outras que a leitura do livro, com certeza, venha a levantar, não serão unívocas. Mesmo porque a sua conformação não estava dada no princípio, quando aventamos a ideia de produzi-lo. Foi apenas quando recebemos os textos que identificamos um sentido de conjunto: seus pontos de convergência, suas fronteiras, suas linhas de força. Explicitar o que entendemos que confere unidade ao livro é o que buscamos fazer em seguida. E, ao fazê-lo, esperamos ser uma mão a guiar o leitor pela tessitura e pelas entrelinhas dos textos. Estamos conscientes de que o leitor encontrará outros sentidos que nós, como organizadores da coletânea, não detectamos. Sentidos que esperamos que venham à luz nos debates que o livro vier a suscitar.

Ao tomar como referência as datas de defesa dos doutorados dos participantes deste livro, percebemos que se situam num intervalo de tempo demarcado: 26 anos (1983–2009). Portanto, não compõe este universo as gerações anteriores de antropólogos da religião no Brasil, alguns dos quais foram orientadores dos que participam do livro e/ou são citados como inspiração e referências para suas trajetórias. Também não constam representantes das gerações seguintes, entre os quais há destacados pesquisadores, alguns orientados por integrantes deste livro. As instituições em que as teses foram defendidas concentram-se no Sudeste, sendo seis na Universidade Federal do Rio de Janeiro – cinco no Museu Nacional, uma no IFCS – e uma na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. A Universidade de São Paulo formou três dos autores. Os outros três realizaram seus doutorados no

exterior: dois na Inglaterra e um na França. Todos aqueles que se formaram no Brasil cursaram universidades públicas. Em relação à graduação, oito cursaram Ciências Sociais; dois, História; dois, Filosofia; e um, Psicologia. E em termos de filiação institucional, todos trabalham em universidades públicas: oito em programas de pós-graduação em Antropologia Social; dois em um programa de pós-graduação em Ciências Sociais; um em programa de pós-graduação em Sociologia; um em programa de pós-graduação em Sociologia e Antropologia; e um em programa de pós-graduação em Ciências da Religião. A distribuição geográfica das universidades em que esses profissionais atuam ou fizeram suas carreiras é a seguinte: sete no Sudeste, 3 no Nordeste e 3 no Sul. Há, portanto, uma ausência do Norte e do Centro-Oeste.

Quanto aos marcadores sociais, há uma boa distribuição em termos de gênero: oito mulheres e cinco homens. No que concerne à origem social, são oriundos de classes médias consolidadas ou em processo de ascensão social. A maioria é a primeira geração na família a entrar na universidade.

Em relação ao pertencimento religioso familiar, apenas um dos autores foi educado em lar evangélico. Os demais tiveram a infância vivida em famílias católicas, foram batizados, estudaram em colégios católicos e fizeram a Primeira Comunhão. Destes, dois ingressaram em seminários, aos 10 e 11 anos, onde completaram a graduação. A participação em grupos de jovens e em movimentos religiosos de teor progressista de esquerda, com sensibilidade para as questões sociais, fez parte da trajetória de quatro autores de origem católica e do evangélico. No entanto, diante da inflexão da Igreja Católica para a direita, abandonaram a religião como prática e crença. Outros deixaram de se identificar com o catolicismo ou com qualquer outra religião ao ingressar na graduação em Ciências Sociais ou na pós-graduação, sem crise existencial. Enfim, não há religiosos entre os participantes desse livro, ainda que, como explicitam alguns, somos constituídos pelos nossos pertencimentos religiosos e nossas experiências com o sagrado na infância, adolescência e juventude, cujas marcas indeléveis carregamos em nosso corpo.

Além disso, todos fazem referência a instituições e grupos de pesquisa que tiveram importância em suas trajetórias, além dos programas de pós-graduação em que realizaram o mestrado e o doutorado. Entre as instituições, o Instituto de Estudos da Religião – ISER é citado por sete autores. A instituição está presente desde o início dos anos 1980 e permanece até os dias de hoje como um espaço central de pesquisa, de encontros acadêmicos, de publicações e de militância social e política. Entre os grupos de estudos que compunham o ISER, há que se destacar o Grupo Catolicismo, coordenado por Pierre Sanchis, que, nos anos 1980 e 1990, reuniu pesquisadores da religião de todas as regiões do Brasil. O grupo foi responsável por uma produção acadêmica relevante e extensa de livros e artigos, publicados por veículos de divulgação do ISER. O segundo grupo a que os autores fazem referência é o ISER/Assessoria, onde dois dos pesquisadores atuaram por mais de dez anos. O ISER também teve um papel destacado na consolidação das trajetórias por meio da revista *Religião & Sociedade*, da qual diversos autores foram editores e na qual todos publicaram e continuam publicando os resultados de suas pesquisas. Em âmbito nacional, dois outros centros de pesquisa aparecem com frequência: o Centro Brasileiro de Análise e Planejamento – CEBRAP, onde dois autores atuaram, e o Núcleo de Estudos da Religião – NER, no qual três autores têm uma longa participação. Contudo, enquanto o CEBRAP se enquadra no sistema jurídico brasileiro como uma ONG, o NER é um grupo de pesquisa, situado em uma universidade, a UFRGS, mais especificamente, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. A abrangência de sua ação, especialmente por meio de sua revista – *Debates do NER* – e de suas parcerias nacionais e internacionais, tem lhe conferido um papel importante na integração acadêmica e científica do Brasil com a América Latina. Em relação a projetos de pesquisa, há que se mencionar o Projeto Movimentos Religiosos no Mundo Contemporâneo, apoiado pelo CNPQ/Pronex, que, na primeira década de 2000, reuniu um número significativo dos participantes deste livro.

Para além das fronteiras do Brasil, a Associação de Cientistas Sociais da Religião da América Latina – ACSRAL está presente no relato da maioria

das autoras e dos autores. Fundada em 1994, a ACSRAL tornou-se um locus privilegiado de debate e integração acadêmica na América Latina. Por meio das Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina, seu evento oficial, a Associação é uma referência frequente nas trajetórias dos autores, sendo que três deles a presidiram no decorrer de seus trinta anos de existência. A associação, por meio da revista *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião* e de coletâneas que publicou ao longo das três décadas de sua existência, quer sistematizando e divulgando os debates que ocorreram nas jornadas, quer trazendo à luz temas de ponta e pesquisas conjuntas de seus associados, tem contribuído significativamente para consolidar a área de estudos da religião na América Latina, projetando a produção regional em nível internacional.

Os temas gerais de pesquisa, que foram objeto das teses dos treze participantes deste livro, concentram-se em estudos sobre as principais forças e movimentos que atravessam o campo religioso brasileiro. Apenas um dos autores apresentou sua tese de doutorado fora da área dos estudos da religião, com foco na política. Todos privilegiaram o trabalho de campo como parte de sua formação em Antropologia e imprimiram um caráter etnográfico aos seus textos. Nesse sentido, cinco autores estudaram o catolicismo — peregrinações, comunidades eclesiais de base, santuários, grupos tradicionais — em contextos sociais e políticos de embates, conflitos e aproximações com outras denominações religiosas. Os evangélicos são objeto de estudo das teses de dois autores. Há, também, duas teses no campo da Etnologia, sendo que uma está voltada para o estudo de um movimento messiânico, e a outra, para a presença de missões evangélicas entre indígenas. As religiões de matriz africana no Brasil também foram objeto de duas outras teses. Há, ainda, uma tese sobre religião e saúde, com foco nas interfaces entre espiritualidade e práticas terapêuticas alternativas. Por fim, uma tese analisa o percurso de uma organização política.

Os locais de realização dos trabalhos de campo distribuem-se pela região Sudeste: seis teses; região Nordeste: quatro teses; região Norte/Amazônia: duas teses. Há, ainda, uma tese que assume um olhar

comparativo e multissituado: Brasil e França. Por outro lado, nenhum dos estudos foca a religião como instituição ou a toma como uma variável independente. Nesse sentido, ao que parece, o caráter etnográfico, do qual se reveste a produção científica dos pesquisadores, direciona seus olhares para o contexto, sempre plural e diversificado, onde as religiões acontecem como parte de uma teia de relações, em conexão com as múltiplas dimensões da vida social. Já quanto à orientação das teses, das cinco defendidas no Museu Nacional, três foram orientadas por Otávio Velho; uma, por Peter Fry; e uma, por Moacir Palmeira. Das três teses defendidas na USP, duas tiveram a orientação de Ruth Cardoso e de Eunice Durham, pesquisadoras que, como Moacir Palmeira, se situam fora do campo dos estudos da religião. A terceira tese foi orientada por Paula Montero. A tese defendida na UFRJ/IFCS contou com a orientação de Regina Novaes. E a defendida na UERJ foi orientada por Márcia Leite. As demais foram defendidas em universidades estrangeiras: uma na França e duas na Inglaterra, que tiveram como orientadores intelectuais de grande reconhecimento internacional, mas sem relação de pesquisa com o Brasil.

Registramos, ainda, que, ao discorrer sobre suas trajetórias, as autoras e os autores deste livro também apresentam, em sua maioria de forma explícita, embora sucintamente, o que consideram ser as suas contribuições mais significativas para o campo da Antropologia da Religião. Nesse sentido, os leitores encontrarão conceitos, expressões e tipologias inovadoras, bem como análises refinadas sobre dimensões sensíveis e reconfigurações significativas ocorridas no campo religioso brasileiro nas últimas décadas.

Um último comentário que gostaríamos de fazer diz respeito às relações afetivas de amizade e de solidariedade que atravessam esta área de estudos, para além das relações formais e institucionais. Um olhar mais de dentro, voltado para a vida que pulsa nos entremeios dessas trajetórias, seria capaz de perceber percursos de longa distância compartilhados; amizades consolidadas na confidencialidade do vivido, atravessado pelos imponderáveis do cotidiano; solidariedades forjadas no compartilhamento de sonhos e de lutas comuns. Entendemos que esses entremeios, raramente

mencionados em nossos projetos e relatos acadêmicos, são indissociáveis dos percursos que fazemos e constitutivos dos resultados a que chegamos em nossas pesquisas e publicações. Afinal, a área de estudos da religião na Antropologia no Brasil, como deixam transparecer os relatos das trajetórias reunidas neste livro, é tecida por um emaranhado de fios, pessoais, institucionais, acadêmicos, sociais, políticos etc., que entrelaçam vidas, pessoas, ideias, obras, objetos e coisas.

Referências Bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. *L'illusion biographique*. In: *Actes de la recherche en sciences sociales*, Paris, n. 62-63, p. 69-72, 1986.

MAFRA, Clara. Números e narrativas. In: BINGEMER, Maria Clara Lucchetti; CARNEIRO DE ANDRADE, Paulo Fernando (Orgs.). *O censo e as religiões no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, Reflexão, 2014. p. 31-42.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa 1*. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

Carlos Alberto Steil

Ari Pedro Oro